

O MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO

THE PASCHAL MYSTERY OF CHRIST

*Boris Agustín Nef Ulloa*¹

*M^ª Regina Ribeiro Graciani*²

RESUMO

O significado das palavras e ações de Jesus Cristo quando reuniu seus discípulos na ceia de despedida é objeto de profunda reflexão pela Igreja. Qual seria a intenção do Senhor ao dizer: Isto é meu corpo? Este é meu sangue? Por que teria insistido no aspecto memorial daquela ceia derradeira? O presente estudo aponta que, para atender a essas perguntas que ecoam a todo homem e a toda mulher de todas as épocas, é preciso partir da tradição judaica e recorrer aos relatos que fazem referência à última ceia de Jesus com os discípulos, os quais se encontram nas diferentes tradições neotestamentárias: sinótica, paulina e joanina. Os relatos mostram que, mais do que a preocupação em fornecer as palavras textuais do Senhor, eles apresentam a coerência com toda a vida e a mentalidade de Jesus tal como aparece em todo o Evangelho e expressam uma intenção fundamental: o mistério da sua mediação de Aliança definitiva de Deus com os homens.

PALAVRAS-CHAVE: Última Ceia, Páscoa, Mistério Pascal, Eucaristia

ABSTRACT

The meaning of the words and actions of Jesus Christ when the disciples gathered his farewell dinner is object of deep reflection by the Church. What would be the intention of the Lord, saying: This is my body? This is my blood? Why has he insisted on the memorial aspect of that last supper? This study suggests that to address these questions that echo every man and every woman in all times, is necessary, from the Jewish tradition, to turn to the reports that refer to Jesus' last supper with his disciples, which are in the New Testament different traditions: synoptic, Johannine and Pauline. The reports show that more than the desire to provide the exact words of the Lord, they have consistency with all life and the mindset of Jesus as it appears throughout the Gospel and express a fundamental intention: the mystery of his mediation on the definitive covenant of God with men.

KEYWORDS: Last Supper, Easter, Paschal Mystery, Eucharist

¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

² Mestranda em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

1 O MEMORIAL DA PÁSCOA DO SENHOR À LUZ DA PÁSCOA JUDAICA

Para a compreensão do mistério pascal de Cristo é preciso retomar o evento central da fé de Israel: a libertação da escravidão do Egito (a noite da Páscoa e a passagem do Mar Vermelho). Ponto de referência ao qual o Antigo Testamento retorna sempre. É o evento por meio do qual Deus dá origem a seu povo como aquele que, a partir de então, poderá levar seu nome (TABORDA, 2009, p.84). É quando os filhos de Israel tomam consciência de serem o povo eleito, o povo de Deus; experimentam uma grande mudança de estado: de massa de escravos se tornam livres para Deus.

Tal libertação foi anunciada na última ceia do Egito, que, assim, se torna um sinal profético do Antigo Testamento, já que remete os participantes ao futuro imediato da libertação do país do Faraó. Ao mesmo tempo, a ceia aponta para o futuro longínquo das gerações que se sucederão até o fim dos tempos.

Quem estava lá, participando da última ceia do Egito, comendo às pressas o cordeiro com o pão ázimo e as ervas amargas, já estava, em espírito e verdade, atravessando o Mar e constituindo-se como povo de Deus, liberto da escravidão do Faraó. Nas casas marcadas pelo sangue do cordeiro, onde se celebrava a última ceia antes da partida, já havia liberdade; as pessoas ali reunidas já estavam fora da soberania do Egito. Há aqui uma dimensão profética imediata.

Ao mesmo tempo, esta ceia tem também uma dimensão de futuro longínquo. Ela é o momento instituidor que remete ao futuro, à páscoa das gerações, como diziam os grandes mestres da Sinagoga, ao se referirem ao rito do Antigo Testamento, à celebração anual da Páscoa judaica (TABORDA, 2009, p.85).

A Páscoa³ anual, portanto, tem seu fundamento nessa última ceia do Egito, que é um acontecimento irrepitível, mas quem a celebra anualmente é transportado por esse rito ao mesmo momento fundador da passagem do mar, que remetia à última ceia no Egito. A compreensão judaica do memorial pascal fica muito clara a partir do dito atribuído pela tradição talmúdica⁴ ao Rabi Gamaliel⁵, que resume o que todo judeu piedoso vivia ao comer anualmente o cordeiro pascal, os pães ázimos e as ervas amargas:

Em toda geração e geração, cada um é obrigado a ver-se a si próprio como tendo ele mesmo saído do Egito, como foi dito “E anunciarás a teu filho naquele dia, dizendo: É por causa disto que o Senhor fez por mim, quando saí do Egito” (Ex 13,8). Não somente a nossos pais remiu o Santo – bendito seja Ele! – mas também a nós remiu com eles, conforme está dito: ‘E nos fez sair de lá, para nos fazer vir e dar-nos a terra que tinha jurado a nossos pais’ (Dt 6,23)”(GIRAUDO apud TABORDA, 2009, p.70).

Vale observar que é fundamental saber-se incluído na celebração da intervenção histórica e irrepitível do Senhor, e que, não fazê-lo, exclui do efeito salvífico da ação divina. Há uma noção de memória sacramental.

Assim, a Páscoa é o rito fundador, pelo qual, todos os anos, o povo de Israel celebra a saída do Egito, a passagem da servidão para o serviço de Deus, da morte para a vida. De caráter familiar em seus primórdios, assume importância cada vez maior na expressão religiosa de Israel, tornando-se uma festa nacional.

³ A Páscoa judaica é a principal das três grandes festas de Israel.

⁴ O Talmud define e dá forma ao judaísmo, alicerçando todas as leis e rituais judaicos. Enquanto o Pentateuco, ou os cinco primeiros livros da Torah, apenas alude aos Mandamentos, o Talmud os explica, discute e esclarece.

⁵ Gamaliel teria sido, possivelmente, o mestre de Paulo (cf. At 22,3).

A noite pascal passa a atrair para si os fatos mais importantes da história de Israel: a criação do mundo, a vida dos patriarcas, a libertação do Egito, a vinda do Messias no futuro: passado, presente e futuro se encontram nessa noite. Todos os anos, celebrando o tempo fundador, os judeus revivem a totalidade de sua história, como a história de salvação (VV.AA., 1985, p. 24).

A evocação do passado reacende a certeza de que a ação do Deus na história prossegue hoje; mas esta celebração abre-se para os tempos futuros, em que Deus, através de seu enviado, trará a libertação total, definitiva, onde o “presente veria a fusão do paraíso perdido com o reino messiânico futuro” (VV.AA., 1985, p. 24).

É com esse pano de fundo que, da Páscoa judaica, se passa à Páscoa cristã. Inicialmente, é importante apresentar que, para os evangelhos sinóticos, a última refeição de Jesus se configura como ceia pascal, enquanto no quarto evangelho, João antecipa em 24 horas a última ceia do Senhor (GIRAUDO, 2003, p.128).

A opinião dos exegetas reconhece nos sinóticos uma cronologia histórica e no quarto evangelho uma cronologia teológica dos fatos ocorridos à última ceia de Jesus. O relato da instituição da eucaristia no quadro da última ceia é transmitido também pela tradição paulina.

Assim, as palavras pronunciadas por Jesus nessa última ocasião foram transmitidas em cinco versões diferentes⁶, evidenciando a importância que tinham para a Igreja dos primeiros tempos.

A análise dos cinco textos aponta que, muito mais importante do que as diferenças encontradas, é o resultado obtido da comparação dos mesmos: não obstante pequenas diferenças, eles concordam quanto à substância oferecida (JEREMIAS, 1972, p.38).

⁶ As cinco versões se encontram nos evangelhos sinóticos, em João e em Paulo.

Há uma série de ações, palavras e gestos de Jesus, extremamente simbólicos, que fornecem chaves para melhor compreensão do mistério que se seguirá.

Comparando os textos, palavra por palavra, vê-se que todos coincidem em três pontos (JEREMIAS, 1972, p.38):

1. afirmam que Jesus comparou o pão ao seu corpo;
2. afirmam que Jesus comparou o vinho ao seu sangue, acrescentando que com isso se realizava a Nova Aliança;
3. todos trazem a preposição 'por': indicando para que são oferecidos o corpo e o sangue.

A ceia da quinta-feira santa, como é conhecida nos dias atuais, foi a última refeição de Jesus com os discípulos. Pode ser considerada o último elo de uma longa cadeia, como um dos dons antecipados do pleno cumprimento, como atualização do tempo da salvação. Ela se distingue de todas as outras refeições que Jesus tomou com seus discípulos pelo fato de ele ter acrescentado às orações do começo e do fim da ceia algumas palavras de explicação, comparando o pão partido ao seu corpo e o vinho ao seu sangue.

O sentido dessas palavras de explicação está contido no ritual da Páscoa, que era conhecido pelos discípulos. Segundo Ex 12,26s e 13,8, os hebreus deviam explicar aos seus filhos por que celebravam todos os anos o rito do sacrifício pascal e por que comiam pão ázimo durante uma semana. Desta ordem, dada pelo texto bíblico ao pai de família de explicar aos filhos os ritos dessa festa, no dia de Páscoa, originou-se a *Hagadá*⁷ pascal.

⁷Hagadá (do hebraico , “narração”) é o texto utilizado para os serviços da noite do Pessach, contendo a leitura da história da libertação do povo de Israel do Egito; contém a narrativa dessa libertação, as orações, canções e provérbios judaicos que acompanham essa festividade. Na verdade, não há um texto único de Hagadá: os diversos ramos do judaísmo têm suas variantes, conforme a orientação do rabino de cada sinagoga. Também corporações e instituições podem ter seu texto particular de Hagadá.

Nos tempos de Jesus, a ceia da Páscoa se desenrolava todos os anos, na véspera da lua cheia do mês de Nisã⁸. Eram imolados milhares de cordeiros, na esplanada do Templo, em recordação da libertação do Egito⁹. Depois do pôr do sol, nas famílias e nos grupos aos quais se associavam os peregrinos vindos de diversas partes do mundo, tinha início a ceia pascal. Depois da entrada, na qual se serviam ervas amargas e frutas, trazia-se o cordeiro. Nesta altura, o pai de família assumia a sua função, explicando os elementos da refeição, preocupado em torná-los inteligíveis aos filhos¹⁰.

As ervas amargas eram interpretadas como recordação da amargura da escravidão no Egito. O pão ázimo recordava ou a pressa com que saíram do Egito, pressa que não dera tempo para que a massa do pão fermentasse, ou a extrema pobreza, na qual Israel se encontrava e anunciava como grito profético a abundância de pão na era messiânica.

Como fazia o chefe de família desde os tempos antigos, também Jesus celebrava a Páscoa explicando aos discípulos as particularidades daquele que era o banquete mais solene do ano. Ao comparar o pão partido ao seu corpo e o vinho ao seu sangue, Jesus não teria feito mais do que cumprir o dever do pai de família.

O emprego de expressões culturais, próprias de linguagem sacrificial, fala do corpo ou da carne do animal sacrificial e do sangue que era derramado sobre o altar dos holocaustos¹¹.

⁸ O calendário utilizado à época era lunar; Nisã corresponde ao mês de Abril do calendário solar.

⁹ O Senhor poupou as casas cujos umbrais e frontões haviam sido aspergidos com o sangue do cordeiro pascal.

¹⁰ Rabi Gamaliel, mestre de Paulo (At, 22,3), costumava dizer: “(O pai de família) que, ao celebrar a Páscoa, não fala de três coisas, isto é, do cordeiro pascal, do pão ázimo e das ervas amargas, não cumpre o seu dever”. Mishná, Tratado da festa de Pesah 10,5.

¹¹ O Altar dos Holocaustos era o primeiro item que podia ser visto ao se entrar pela Porta do Pátio Externo do Tabernáculo. Nele, o sacerdote sacrificava várias ofertas para Deus. Algumas ofertas eram pelos seus próprios pecados e outras pelos pecados do povo.

Assim, Jesus fala de seu próprio sangue, que é derramado (JEREMIAS, 1972, p.45). “Sangue da Aliança” é outra expressão sacrificial, tirada de Ex 24,8, onde é aplicada à aliança sinaítica.

Os evangelistas compreenderam que, ao empregar expressões cultuais, Jesus teria explicado o cordeiro pascal indicando que ele próprio era o cordeiro pascal do fim dos tempos, cuja oblação produziria a nova Aliança. Usando expressões próprias da linguagem sacrificial, Jesus apresentou a sua morte como morte substitutiva (JEREMIAS, 1972, p.46), indicando em benefício de quem seria feita essa substituição: “por muitos, para vós, para a vida do mundo”.

O vocábulo “muitos”, tomado como “todos”, é usado cumulativamente em uma passagem central do Antigo Testamento: o Servo Sofredor (de Deus) - Is 53 -, que sofre no lugar de outrem¹². Novamente, os evangelistas enxergam que, ao dizer que o seu sangue seria derramado “por muitos”, Jesus mostra que se considera a si mesmo como o Servo sofredor de Deus, que oferece a própria vida em lugar dos muitos e cuja morte expiatória inaugura a Nova Aliança. Is 53 indica a compreensão adequada das palavras da última ceia (JEREMIAS, 1972, p.49).

Assim, ao reunir-se para comer em comum o pão partido e beber do cálice tinha o significado de participação real na bênção

O alvo do holocausto era que, por meio dele, a pessoa poderia tornar-se aceita diante de Deus e perdoada (Lv 1,4). Para o holocausto, um animal macho era sacrificado: um carneiro, um bode, um boi ou uma rola (ou um pombinho) (Lv 1,13-17). A oferta deveria ser sem mancha ou defeito, a mais saudável e a melhor disponível. O sangue da oferta era derramado ao redor da base do altar.

¹² Is 53,3-12 - “Foi desprezado e evitado pelos homens; homem de dores, familiarizado com o sofrimento... como pessoa da qual se desvia o rosto, desprezível e sem valor para nós. No entanto, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou-se com as nossas dores. Nós o julgávamos açoitado e ferido por Deus e humilhado; mas foi traspassado por causa das nossas culpas. A punição, salutar para nós, foi infligida a ele, e as suas chagas nos curaram... O justo, meu Servo, justificará (tornará justos) a muitos (porque) carregar-se-á das culpas. Por isso, dar-lhe-ei em prêmio as multidões (os muitos)... (porque) tomou sobre si a culpa de muitos e intercedeu pelos malfetores”.

pronunciada sobre o pão e o cálice. Acostumados a essa prática, a participação na bênção era conhecida dos discípulos. Depois de acrescentar palavras que interpretavam o pão partido e o vinho como morte expiatória por muitos, Jesus os ofereceu aos discípulos, indicando que Ele, por meio dos atos de comer e de beber, tornava-os beneficiários da força expiatória de sua morte.

Participando do pão partido e do cálice abençoado, cada um deles era pessoalmente interpelado; e, se dava a cada um deles, a certeza de pertencer àqueles pelos quais o “Servo de Deus” estava para morrer. Dar certeza pessoal: eis o que Jesus tinha em vista ao unir as palavras de explicação ao ato de distribuição (JEREMIAS, 1972, p.50).

2 A PÁSCOA DO SENHOR

O significado das palavras e ações de Cristo, quando reuniu seus discípulos na ceia de despedida, é objeto de profunda reflexão pela Igreja. Qual seria a sua intenção ao lhes dizer: Isto é meu corpo. Este é meu sangue. E mais... por que teria insistido no aspecto memorial daquela ceia derradeira? São perguntas que ecoam a todo homem e a toda mulher de todas as épocas.

Diante de tais questionamentos é, sem dúvida, preciso recorrer aos relatos que fazem referência à última ceia de Jesus com os discípulos, os quais se encontram em diferentes tradições neotestamentárias: sinótica, paulina e joanina.

O relato escrito mais antigo desta última ceia é o texto de Paulo em 1Cor 11,23b-25, onde o Apóstolo descreve a instituição da ceia do Senhor com a fórmula: “Recebi como tradição que vem do Senhor o que vos transmiti...” (v.23a)¹³. Tal fórmula pré-paulina descreve o rito da oração recitada antes e depois da refeição: “Na

¹³ Com isto, Paulo indica que o texto citado não é seu, mas da tradição (Cf. 1 Cor 15,3).

noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é para vós’”. Acrescentando: “Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice”, a oração de ação de graças, que era recitada depois da comunhão.

O segundo texto mais antigo é o de Marcos, provavelmente escrito no começo dos anos setenta do século I, que coincide, em grande parte, com o relato de Paulo. Marcos não diz “deu graças” (eucharistesas, de onde surge a designação de “eucaristia” dada à ceia do Senhor), mas “abençoou”.

Totalmente novo no quadro da narração de Marcos é a oração de encerramento da refeição e as palavras de explicação do cálice. Tanto em Paulo como em Marcos, o vinho é comparado ao sangue, por meio do qual se estabelece a Aliança. Chama a atenção o emprego de semitismos: nos quatro versículos de Mc 14,22-25, encontram-se vinte e três semitismos¹⁴.

Em Mateus 26, 26-29, a narração da ceia repete Marcos quase que palavra por palavra, com pequenas variações, sendo a mais notável a expressão “para remissão dos pecados” (v. 28), ao final das palavras de explicação. A intenção era infundir na comunidade a certeza de que Deus respondia com o seu perdão à disposição deles de perdoar. Desde o começo, antes de celebrar a ceia do Senhor, os membros da comunidade trocavam o ósculo santo como sinal de perdão¹⁵. Agindo assim, obedeciam à ordem de Jesus de concederem o perdão antes de pedi-lo a Deus.

O texto lucano foi transmitido em duas formas: uma longa e outra mais breve. Segundo Jeremias, há coincidências entre as fórmulas

¹⁴ Uso de palavras e locuções que, mesmo traduzidas para o grego, deixam perceber sua origem semítica.

¹⁵ O texto mais antigo a este respeito se encontra em 1 Ts 5,26: “Saudai a todos os irmãos com o ósculo santo”.

de Paulo e de Lucas indicando a provável origem de ambas serem uma versão da fórmula da ceia usada em Antioquia (JEREMIAS, 1972, p.35), de característica mais helenizada do que a fórmula de Marcos, que se apresenta como um estágio mais antigo da tradição, mesmo que literariamente seja mais recente do que a de Paulo.

O quinto e último texto é o de Jo 6,51c, e apresenta “o pão que eu darei” no lugar de “isto”, “para a vida do mundo”, no lugar de “por vós” e “minha carne”, em vez de “meu corpo”. O termo hebraico/ aramaico (basar/bisra) podia ser traduzido indistintamente por “corpo” ou por “carne”.

Essas fontes, que narram como Cristo instituiu a Eucaristia em sua última ceia, apresentam a história de sua redação e transmissão, assim como o sentido teológico que as primeiras comunidades cristãs demonstravam ter da Eucaristia segundo tais relatos. Aos autores do NT parece importar mais o sentido da “páscoa de Jesus” e suas características (ALDAZÁBAL, 2002, p.74). Assim, os relatos mostram que, mais do que a preocupação em fornecer as palavras textuais do Senhor, eles apresentam a coerência com toda a vida e a mentalidade de Jesus tal como aparece em todo o Evangelho. Os relatos estão revestidos de categorias literárias e litúrgicas, mas, no fundo, a comunidade está em conexão com a intenção fundamental de Jesus (ALDAZÁBAL, 2002, p.77).

Os relatos lucano e paulino, pela ordem de “fazer memória”, são os que mais explicitam qual era a intenção do Senhor, quando de sua ação sobre o pão e o cálice – ação que uniu os discípulos a Ele: os fiéis deverão sempre enraizar sua fé na história passada de Jesus de Nazaré e referir-se ao mistério de sua mediação da Aliança definitiva de Deus com os homens (LEÓN-DUFOUR, 2007, p.105).

O livro dos Atos dos Apóstolos e os escritos paulinos dão notícia de que as comunidades primitivas se reuniam no primeiro dia da

semana (que depois se chamaria ‘domingo’, ‘dia do Senhor’) em obediência ao mandato de Jesus: “fazei isto em memória de mim”.

Assim, os nomes que esta celebração recebe no NT é “fração do pão” e “ceia do Senhor”, e se referem ao marco de uma refeição. Paulo também a chama “mesa do Senhor”, “cálice do Senhor”. Só em fins do século I e princípios do século II, com a *Didaché*¹⁶ e os escritos de Inácio de Antioquia, se passará ao nome que depois será o mais comum: “Eucaristia”, que aponta mais para a bênção e a ação de graças (ALDAZÁBAL, 2002, p.27).

Trata-se de uma celebração comunitária, aberta, não se restringindo a um círculo fechado em uma chave social ou familiar, e que se mantêm em conexão com uma refeição, como os nomes que lhe são dados já indicam. É a comunidade de mesa como expressão e alimento da unidade de fé e de vida.

Provavelmente, no princípio, os dois gestos do pão e do vinho demarcavam a ceia, com a fração do pão no início e a bênção do vinho no final. Apesar do termo “fração do pão” apontar somente um dos elementos da refeição, parece bastante certo que o vinho foi, desde o princípio, algo integrante da ceia, como assinalam os relatos e os textos mais antigos em 1 Cor 10-11 (ALDAZÁBAL, 2002, p.28).

O ritmo da celebração não era anual, como a páscoa judaica, mas semanal: o domingo, o dia do Senhor, pareceu mais coerente à comunidade para reunir-se em torno da “mesa do Senhor”. Vale apontar que o domingo tem uma forte carga de intenção

¹⁶ *Didaché*, do grego *Διδαχή*, “ensino”, “doutrina”, “instrução”: Instrução dos Doze Apóstolos (do grego: *Didache kyriou dia ton dodeka apostolon ethesin*) ou Doutrina dos Doze Apóstolos é um escrito do século I, uma espécie de catecismo cristão. É constituído de dezesseis capítulos, e apesar de ser uma obra pequena, é de grande valor histórico e teológico. O título lembra a referência «E perseveravam na doutrina dos apóstolos ...» (Atos 2,42). É um dos testemunhos mais antigos que trata da vida e da fé da Igreja.

teológica, pela superação do sábado judeu e pela lembrança viva da ressurreição de Jesus. Dessa forma, no “dia do Kyrios”, reúne-se “a comunidade do Kyrios” para celebrar “a ceia do Kyrios”: toda a vida cristã está centrada no Senhor, o “Kyrios” glorioso¹⁷.

A reunião era celebrada em casas particulares, e não na Sinagoga. Havia outras refeições familiares importantes, mas essa celebrada no domingo, trata da “ceia do Senhor”, na qual se entra “em comunhão com o corpo e o sangue do Senhor” e, na qual, se dá o encontro e o reconhecimento da presença viva do Ressuscitado (ALDAZÁBAL, 2002, p.26)¹⁸.

Pode-se traçar um resumo sobre a compreensão e a celebração da ceia do Senhor nas primeiras comunidades cristãs a partir da descrição feita por At, Lc 24 e 1 Cor:

- a celebração ocorre dentro do contexto da vida comunitária: a pessoa se incorpora à comunidade por meio de certos passos (de iniciação: pregação, conversão, fé, batismo) e começa a viver a vida dessa comunidade: catequese, vida fraterna, espírito de missão no meio da sociedade. Dentro dessa vivência cristã, como um momento bem assinalado, no primeiro dia da semana, celebra-se a Ceia do Senhor;
- tudo ocorre com simplicidade e alegria, em um clima de louvor a Deus. O traço que mais se destaca é a alegria: uma alegria cültica, religiosa, escatológica, de alguém que se sente na presença de Deus e o louva pela salvação que operou¹⁹;

¹⁷ O título Kyrios (Senhor) era o título com que a comunidade cristã primitiva designava Jesus, o Senhor glorioso.

¹⁸ Como aponta o episódio de Emaús, no último capítulo do evangelho de Lucas: Lc 24,13-35. Quando dois discípulos, da saída de Jerusalém, abandonam a comunidade e retornam a ela. No meio do caminho, ocorre a grande revelação de que o Messias devia morrer e ser glorificado e que está vivo. Os autores admitem que a intenção central é ressaltar a nova presença do Ressuscitado, diferente da presença terrena e pré-pascal. Embora seja o mesmo Jesus de Nazaré, agora sua presença é experimentável pela comunidade cristã em novas chaves: a proclamação da palavra (v. 32), a fração do pão (v. 35) e a própria comunidade (vv. 33-34).

¹⁹ O termo em grego descreve a mesma alegria de Zacarias e Isabel (Lc 1,14), a do

- tais refeições são algo mais do que a convivência em torno de uma mesa. Têm uma relação bem viva com Cristo Jesus e com seu corpo e sangue: a ideia central é a presença do Senhor Ressuscitado, uma presença nova e misteriosa no meio dos seus e precisamente no contexto da celebração.

O Ressuscitado, a quem Deus “concedeu a graça de aparecer às testemunhas que havia escolhido de antemão, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele” (At 10,40-41), como afirma Pedro, vai “aparecendo” agora às gerações seguintes, sobretudo na “ceia do Senhor”. Assim, desde que Cristo inaugurou a nova era através de sua morte, os cristãos que não o conheceram em sua vida terrena e não o veem podem “encontrar-se com ele” e experimentar assim sua presença viva.

As três chaves, que isto proporciona – palavra, Eucaristia e comunidade –, se concentram de modo privilegiado na celebração cristã por excelência, a fração do pão, a Páscoa do Senhor.

É por isso que as primeiras comunidades cristãs, ao praticar a celebração da fração do pão, reconheciam com isso que reencontravam a presença do Cristo vivo para sempre e que os unia pessoalmente a Ele.

A exortação “fazei isso em memória de mim” expressa uma relação imediata com os presentes à celebração como também entre aquele que esteve presente e estará ausente e aqueles que o seguirão, ou seja, os futuros fiéis do Cristo vivo.

Batista no seio de sua mãe (Lc 1,44) e a de Maria em seu canto do Magnificat (Lc 1,47). Atribui-se, também, ao próprio Jesus (At 2,26; Hb 1,9). A alegria do NT tem como motivos básicos a comunhão com Deus, a espera escatológica da salvação já iniciada e a comunhão com os irmãos reunidos.

Deve-se lembrar de que, dentro da tradição bíblica, fazer memória é mais do que trazer algo ou alguém à memória; é também agir de determinada maneira. Ao apresentar que Deus se lembrou de Abraão, a Bíblia quer dizer que Deus opera imediatamente um benefício em seu favor. Ou seja, entre dois parceiros desiguais - Deus e o ser humano -, pressupõe-se um sólido laço já estabelecido, do qual Deus, por suas promessas e intervenções passadas, tomou a iniciativa e deu a garantia. Como Deus é eternamente fiel a esta aliança, e o povo ou a pessoa nem sempre, a Bíblia aponta muitos apelos à memória dessa aliança, apelos para que o homem se lembre dela.

A memória bíblica consiste em descobrir as intervenções de Deus no tempo passado, e que mantém sentido para hoje. Assim, entrar em contato com Deus é reencontrar um laço já estabelecido por Ele; é, desde logo, tomar contato com a Aliança de amor, é contar com o seu perdão e reconciliação. É, também, voltar do Deus da Aliança para o Deus que age desde as origens, o Deus criador.

É ainda, pela memória, que o povo recorda os feitos de Deus a seu favor, reconhecendo e apropriando-se deles. A memória é o caminho que reata ao Eterno. Chamar o passado à memória é colocar-se em contato com aquele que constitui os seres; chegar a esse ponto originário, a comunhão com Deus, é reconhecer, ao mesmo tempo, um futuro que é seu segredo. Assim, pela memória, o presente encontrará uma dinâmica criadora, divina, porque o próprio Deus é ação. Depois de ter criado o mundo, não cessou de agir: sua atividade criadora incessante sustenta e fecunda a ação humana, permitindo-lhe seu próprio agir.

Portanto, “memória” e “ação” são as duas vertentes – interior e exterior – da relação que une Deus e o ser humano: Deus o salva, “ação memorável”; quando se recorda dessa ação (faz memória), o humano reencontra a fidelidade à aliança (LÉON-DUFOUR, 2007, p.110).

No culto, a memória se exerce de forma privilegiada: é nele que se celebram os grandes feitos de Deus, que marcaram a história do povo eleito. Deus não se contentou em fazer uma solene aliança com Israel: Ele interveio antes e depois, e são justamente suas intervenções que o povo festeja regularmente, guardando-os assim na memória.

Para expressar o valor permanente do encontro do Deus da Aliança com o seu povo, o próprio Deus instituiu o acontecimento como festa, prescrevendo a “anamnese”²⁰, que é muito clara a propósito da Páscoa: “Este dia será para vós uma festa memorável (zikkarôn) em honra do Senhor, que haveis de celebrar por todas as gerações, como instituição perpétua” (Ex 12,14).

É o ato feito outrora por Deus que, como tal, possui uma virtude durável, que o fiel é convidado a reconhecer e a apropriar-se. E, através dele, todos os descendentes.

A festa, a celebração é, portanto, a presença de um grande feito de Deus na assembleia: a atualização se realiza pela proclamação do relato que recorda a ação divina e que tem importância ainda hoje. O fiel é convidado a juntar-se a ela, tornando-se presente a ela (LÉON-DUFOUR, 2007, p.112).

O relato tem também a função de transmitir às gerações futuras a experiência de Deus. Todos devem ouvir e recordar, reavivar a memória do passado. Assim, o passado guarda seu valor de revelação de Deus e expressa que o povo está diante de Deus que age em sua história agora. Fazendo memória, a comunidade se apropria dessa presença e desse encontro com Deus e avança para seu próprio futuro.

Finalizando, vale apresentar a esse respeito a análise de Léon-Dufour, para quem a melhor tradução a expressar todo o sentido

²⁰ Anamnese, do grego, ana, trazer de novo e mnesis, memória.

relatado anteriormente é: “faça isto para fazer memória de mim”, pois “faça isto em memória de mim”, cuja ideia principal é memorial, apresenta a ideia de ação já efetuada (LÉON-DUFOUR, 2007, p.116-117).

3 O CORDEIRO DE DEUS - O CORDEIRO PASCAL

Por sua vida e seu ensinamento de amor ao Pai e ao próximo, pode-se atribuir a Jesus muitos títulos: Senhor, Deus, Salvador, Messias, Rei, Sacerdote, Profeta, e Cordeiro. Um desses títulos, porém, difere dos demais. Os sete primeiros são títulos que sugerem sabedoria, poder, posição social, mas... e Cordeiro? Apenas o evangelista João ousa chamar Jesus “o Cordeiro”. No livro do Apocalipse, Jesus é chamado Cordeiro nada menos que vinte e oito vezes em vinte e dois capítulos (HAHN, 2008, p.22).

Scott Hann, convertido do calvinismo protestante ao catolicismo, utiliza o livro bíblico do Apocalipse como chave para interpretar a missa, e vice-versa. O autor aponta que há, nesse livro, a centralidade da expressão “Cordeiro de Deus” significando o próprio Cristo.

Para o antigo Israel, o cordeiro identificava-se com o sacrifício, uma das formas mais primitivas de adoração. Já no Gênesis, na história de Caim e Abel, há o primeiro exemplo de uma oferenda sacrificial: “Caim trouxe ao Senhor uma oferenda de frutos da terra; também Abel trouxe primícias dos seus animais e a gordura deles” (Gn 4,3-4).

O sacrifício animal podia significar, para os antigos israelitas, (HAHN, 2008, p.31):

- ato de agradecimento: a criação era dádiva de Deus;
- louvor a Deus por suas bênçãos: o reconhecimento da soberania de Deus sobre a criação e a devolução do que já era seu;

- aliança diante de Deus;
- ato de renúncia e tristeza pelos pecados que faziam merecer a morte; em lugar da própria vida, oferece-se a vida do animal.

Na história de Israel, o principal sacrifício foi a Páscoa, quando Deus instruiu toda família escrava no Egito a tomar um animal sem defeito, sem ossos quebrados, degolá-lo e passar seu sangue na ombreira da porta. Os israelitas deveriam comer o cordeiro naquela noite, caso contrário seus primogênitos morreriam durante a noite juntamente com os primogênitos de seus rebanhos (cf. Ex 12,1-23). Assim, o cordeiro sacrificial morreu como expiação, em lugar do primogênito da casa. A Páscoa foi um ato de redenção, um “resgate”.

O Senhor ordenou aos israelitas para comemorarem a Páscoa todos os anos, instruindo-lhes com as palavras que deveriam usar para explicar o ritual às gerações futuras: “quando vossos filhos nos perguntarem: Que rito é esse que estais celebrando? direis: “É o sacrifício da Páscoa para o Senhor, que passou diante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando golpeou o Egito e libertou nossas casas”” (cf. Ex 12, 26-27).

Na Terra Prometida, o povo de Israel continuou os sacrifícios cotidianos a Deus, guiados pelos muitos preceitos da Lei enumerados nos livros bíblicos do Levítico, Números e Deuteronômio.

Com a construção do Templo de Jerusalém, por volta do ano 960 a.C., Israel passou a oferecer os sacrifícios cotidianos a Deus em ambiente majestoso. Todos os dias, sacerdotes sacrificavam dois cordeiros, um pela manhã e outro à noite, para expiar os pecados da nação. Havia também muitas outras oferendas particulares: bodes, touros, rolas, pombos e carneiros eram oferecidos sobre um enorme altar de bronze erguido na entrada do átrio interno do Templo.

O “lugar santo” do Templo ficava depois desse altar e o “Santo dos Santos” – a habitação do Senhor – era ainda mais atrás. O altar dos incensos ficava bem diante do Santo dos Santos. Somente os sacerdotes podiam entrar no átrio interno do Templo; somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos e, mesmo ele, só rapidamente e uma vez ao ano, no Dia do Grande Perdão, Yom Kippur, pois até o sumo sacerdote era pecador e, assim, indigno de permanecer na presença de Deus.

O Templo de Jerusalém reuniu as várias formas de sacrifício e servia como lugar permanente de oferendas, sendo a principal aquela idêntica ao antiquíssimo sacrifício de Abel: o cordeiro. A Páscoa continuava a ser a grande ocasião de sacrifício, quando até dois milhões e meio de peregrinos iam a Jerusalém, provenientes de variadas partes do mundo. Como exemplo, o historiador judeu Josefo relata que, na Páscoa de 70 a.C., os sacerdotes ofereceram mais de um quarto de milhão de cordeiros no altar do Templo, 255.600, em conta exata (HAHN, 2008, p.33).

Além do holocausto, Deus exigia também um sacrifício interior, como declara o salmista: “o sacrifício que Deus quer é um espírito contrito” (Sl 51,19). O profeta Oseias, em nome de Deus, afirma: “Pois é o amor que me agrada, mais que os sacrifícios, e o conhecimento de Deus, eu o prefiro aos holocaustos” (Os 6,6). Contudo, a obrigação de oferecer sacrifícios foi mantida.

Jesus também cumpria as leis judaicas referentes ao sacrifício, como prescrito ao povo judeu. Na Páscoa, consumir o cordeiro era a maneira de renovar a aliança com Deus. Mas a importância da Páscoa na vida de Jesus foi mais que ritual: ela foi fundamental para sua missão, um momento definitivo que levará a afirmar que Jesus é o Cordeiro (HAHN, 2008, p.33).

Quando Jesus estava diante de Pilatos, João observa que “era o dia da preparação da Páscoa, por volta da sexta hora” (Jo 19,14). O evangelista sabia que era na sexta hora que os sacerdotes

começavam a imolar os cordeiros pascais. Esse é, então, o momento do sacrifício do Cordeiro de Deus.

Em seguida, João relata que nenhum dos ossos de Jesus foi quebrado na cruz, “para que se cumprisse a Escritura” (Jo 19,36). Ex 12,46 estipula que os ossos do cordeiro da Páscoa não sejam quebrados.

Na mesma passagem, João relata que fixaram uma esponja embebida em vinagre na ponta de um ramo de hissopo e a serviram a Jesus (Jo 19,29; Ex 12,22). Hissopo era o ramo preceituado pela Lei para borrifar o sangue do cordeiro na Páscoa. Assim, essa simples ação marcou a realização da nova e perfeita redenção (HAHN, 2008, p.34). Por isso, Jesus diz: “Tudo está consumado” (Jo 19,30).

João vai deixar claro que no novo e definitivo sacrifício da Páscoa, Jesus é, a um só tempo, sacerdote e também vítima. Isso se confirma nos relatos da última ceia contidos nos três evangelhos sinóticos, quando Jesus emprega claramente a linguagem sacerdotal de sacrifício, até quando descreve a si mesmo como vítima: “Isto é o meu corpo dado por vós... Este cálice é a nova Aliança em meu sangue derramado por vós” (Lc 22,19-20).

O sacrifício de Jesus realizou o que todo o sangue de milhões de animais jamais conseguiu. “Pois é impossível que o sangue de touros e bodes elimine os pecados” (Hb 10,4). Nem o sangue de um quarto de milhão de cordeiros salvaria a nação de Israel, muito menos o mundo. Para expiar as ofensas contra um Deus que é bom, infinito e eterno, a humanidade precisava de um sacrifício perfeito: um sacrifício tão bom, puro e infinito quanto o próprio Deus. Jesus, o único que podia “abolir o pecado com seu próprio sacrifício” (Hb 9,26), ou seja, um cordeiro sacrificial, no âmbito do padrão divino de redenção.

Trata-se de um acontecimento que merece ser assinalado. João Paulo II vai apontar que “ao celebrarmos o sacrifício do Cordeiro, unimo-nos à liturgia celeste, associando-nos àquela multidão imensa que proclama: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro” (Ap 7,10)”. E mais: “a Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra” (EE 19).

4 A DIMENSÃO ESCATOLÓGICA²¹ DA CEIA

Em uma ilustração, considerada uma renovação na tradição iconográfica, a representação da Eucaristia é bastante original: em uma longa mesa, encontram-se o pão e o vinho; em uma das extremidades da mesa, a pecadora, com suas lágrimas, molha os pés do Salvador, que lhe perdoa os pecados²², e, na outra extremidade, Jesus lava os pés de Pedro²³. No centro desse

²¹ Escatologia (do grego antigo, *ἔσχατος*, *éskhatos*, “último”) é uma área da Teologia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino final do gênero humano. De forma ampla, Escatologia costuma relacionar-se com conceitos como Messias ou Era Messiânica e a pós-vida.

²² Evangelho de Lucas 7, 36-50: nessa bela cena, de uma grande riqueza literária, Jesus se encontra com um fariseu, que o convidara para sua casa. No lugar, “uma mulher pecadora pública”, quer dizer, uma prostituta, ali se apresentou com um frasco de alabastro cheio de perfume, “e pondo-se aos pés do Senhor, começou a chorar e com as lágrimas lhe molhava os pés e com a cabeleira os secava; beijava-lhe os pés e os ungiu com perfume”. Jesus conhece os pensamentos do fariseu e, após reprovar-lhe por não ter cumprido as normas elementares judaicas usadas para receber um hóspede e amigo – oferecer-lhe água para lavar os pés, dar-lhe o beijo de boas-vindas e ungi-lo a cabeça com azeite –, o faz ver que aquela mulher é que o tinha feito e que, portanto, ela possuía grande capacidade de amar. À mulher, Jesus disse que seus pecados lhe estariam perdoados e que podia ir em paz.

²³ Evangelho de João 13, 1-9: em um primeiro momento, Pedro não queria deixar-se lavar pelo Senhor: esta mudança de ordem, isto é, que o mestre, Jesus, lavasse os pés, que o Senhor assumisse o serviço do escravo, contrastava totalmente com seu termo referencial de Jesus, com seu conceito da relação entre mestre e discípulo. Seu conceito de Messias comportava uma imagem de majestade, de grandeza divina. Pedro devia aprender que a grandeza de Deus é diferente da ideia de grandeza humana; que consiste justamente no baixar-se, na humildade do serviço, na radicalidade do amor.

mosaico, o Ressuscitado retira Adão e Eva do inferno²⁴. “Não vem Cristo, por sua Eucaristia, purificar sua Igreja, levá-la depois de si ao serviço total da humanidade, ressuscitá-la para uma vida nova e comunicar-lhe um germe de ressurreição?” (BROUARD, 2007, p.519-520).

A última ceia de Jesus pode ser entendida em diferentes dimensões. Antes de tudo, é uma refeição, com tudo o que essa comporta, tanto na ordem humana como na religiosa. A conduta do Senhor, que “come e bebe” com outros, tanto em sua vida pré-pascal como depois de ressuscitado assim o demonstra. A refeição aponta para o alimento, a união fraterna, a relação de comunhão com Deus e com os demais.

Ao mesmo tempo, é uma refeição messiânica: compartilhar com o Messias²⁵ a refeição tem uma densidade muito maior do que as refeições religiosas normais.

A última ceia de Jesus foi, também, de despedida, em um marco que Léon-Dufour chama “testamentário” (ALDAZÁBAL, 2002, p.78). Há tensão escatológica, de solidariedade entre o que se despede e os que ficam, de bênção final, de resumo de tudo o que foi compartilhado e, ao mesmo tempo, de antecipação e advertência para o que se avizinha.

Na ceia do Senhor se antevê a iminência do Reino escatológico. O anúncio que Jesus havia feito ao longo de sua pregação – o Reino²⁶ – torna-se insistente e urgente: na ceia se apresenta

²⁴ Mosaico no teto e nas paredes da capela Redemptoris Mater, executado por ocasião do jubileu sacerdotal de João Paulo II e que oferece um exemplo do diálogo entre as tradições do Oriente e do Ocidente: a equipe de artistas era composta de católicos romanos e ortodoxos.

²⁵ Um conceito do judaísmo, Messias (em hebraico: משיח, Mashíach), “o consagrado”, refere-se, principalmente, à profecia da vinda de um humano descendente do Rei Davi, que irá reconstruir a nação de Israel e restaurar o reino de Davi, trazendo dessa forma a paz ao mundo. Para os cristãos, Jesus é o enviado de Deus, Seu Filho.

²⁶ O Reino de Deus (em grego: βασιλεία τοῦ θεοῦ, basiléia tou theou) designa um

como iminente. Esta será a última refeição antes de Jesus inaugurar esse Reino: Jesus vai morrer e, precisamente, por sua morte, será possível a inauguração do Reino e a abertura à nova realidade escatológica. É depois, nesse Reino, que os discípulos compartilharão a ceia com o Messias.

Vale apontar que o vinho é um tema bem ligado à perspectiva escatológica na literatura e nos costumes da mesa de Israel e, nas passagens do Novo Testamento, como por exemplo, nas bodas de Caná²⁷.

A ceia aponta, ainda, para a morte de Cristo como morte salvadora: sacrificial, expiatória, vicária. Os relatos bíblicos já mencionados apontam o gesto e a palavra do Senhor com a sua morte entendida à luz do Servo de Deus, de Isaías 53.

É assim que a Eucaristia pode ser definida como o memorial dessa morte salvadora de Cristo. Lembra o memorial, não só no sentido de recordação, mas de atualização, participação neste acontecimento salvador, nessa ceia que se apresenta com uma linguagem sacrificial (corpo entregue, sangue derramado...).

O acontecimento central – a nova Páscoa – é a morte de Cristo na cruz. É aí que o Novo Testamento concentra toda a reconciliação, o sacrifício, a nova aliança. Deus assume, Ele mesmo, com a entrega solidária de seu Filho, o pecado da humanidade e a salva de sua infidelidade ao seu amor. A atitude de total entrega de Jesus

governo ou domínio que tem Deus por soberano ou governante. Segundo Gênesis, os primeiros humanos rebelaram-se deliberadamente contra a soberania de Deus, e, por isso, foram expulsos do Jardim do Éden. O Reino de Deus é um conceito fundamental no Judaísmo e, mais notavelmente, no Cristianismo, onde é o tema principal pregado por Jesus, através de parábolas.

²⁷ Bodas de Caná: perícopes bíblicas narradas exclusivamente no Evangelho segundo João (2,1-11). A transformação da água em vinho durante estas bodas é considerada como o primeiro dos milagres de Jesus.

por todos, que caracterizou toda a sua vida e a sua pregação, tem na cruz sua expressão mais séria e trágica.

É assim que a Eucaristia aparece como a ceia memorial, na qual, de um modo misterioso, se atualiza e se torna presente esse acontecimento da cruz – a entrega total de Cristo – fazendo os presentes participantes de todas as bênçãos messiânicas que se realizaram por meio da cruz.

Depois de sua morte, em sua nova vida gloriosa, o Senhor quer continuar dando-se e comunicando-se aos seus para que participem de sua vida. Um modo privilegiado de encontro e comunhão será o pão e o vinho – seu corpo e seu sangue.

O pão partido sempre comportava a comunicação de uma bênção divina para os judeus. Agora, é o próprio Messias quem será a fonte de bênção escatológica e o alimento para os que creem.

Na doação do pão e do vinho – isto é meu corpo, isto é meu sangue – resume-se a entrega de Jesus pela humanidade, em sua vida e em sua morte e, também, depois de sua páscoa. Como no AT, a Aliança foi selada com o sangue (Ex 24), a Nova Aliança é selada com o sangue de Cristo, com o cumprimento escatológico de todas as promessas, na cruz.

Aquele que se dá a toda a humanidade é o homem que venceu a morte e está em sua vida escatológica, como primogênito da nova humanidade, o Kyrios glorioso, o totalmente original, que quer aproximar-se do gênero humano através de um gesto simbólico genial, no dizer de Aldazábal: dar-se a si mesmo como alimento e assim levar-nos à comunhão de vida com Deus (ALDAZÁBAL, 2002, p.336). O mesmo corpo de Cristo que chegou à glória no evento da cruz, o corpo “espiritual”, pneumático, de que fala Paulo (1Cor 15,44-50), é que se nos dá na Eucaristia, porque está totalmente aberto, livre, presente.

“O Kyrios tem o poder de dar-se em todo lugar, de tornar-se presente em toda a plenitude do “eu” que se oferece ao “tu”

do ser humano, e o faz através do pão e o vinho da Eucaristia” (ALDAZÁBAL, 2002, p.337).

Ao Senhor ressuscitado, Senhor de toda a criação, consistência de todo ser (1Cor 11,15-20), tudo está sujeito. Ele enche de sua presença o cosmos (cf. Ef 4,10), invade e penetra tudo, e pode transformar o criado desde e até sua realidade última, para, assim, dar-se à comunidade. Na Eucaristia, assume plenamente o pão e o vinho e, assim, pode dar-se neles como alimento à comunidade, para que também ela se transforme nele.

O Cristo ressuscitado é a identidade escatológica do mundo, sua verdade, aquele que já fez do cosmos seu corpo, adquirindo silenciosamente para a humanidade, na ressurreição, o domínio absoluto, embora diferido, da entropia da morte (MARTELET apud ALDAZÁBAL, 2002, p.337). Cristo é a realidade última, escatológica. Já é a páscoa perene. Está totalmente cheio da divindade. É a parusia presente hoje. O que eterniza sua entrega pascal não é o ato físico de sua morte, mas a ressurreição que começa na própria morte, como início da vida definitiva (ALDAZÁBAL, 2002, p.337).

Tudo é assumido na nova realidade de Cristo. Tudo é escatologizado: a totalidade do pão e do vinho se converte na totalidade do Senhor glorioso. Assim como na encarnação, o Verbo assumiu a totalidade do homem Jesus de Nazaré.

A parusia do Filho do homem não é algo meramente futuro: já é atualidade. A Igreja se incorpora à ressurreição escatológica de Cristo na Eucaristia, que não é só atualização da páscoa passada, mas também da páscoa do reino definitivo.

A presença do Kyrios já não tem sucessão de tempo: para ele tudo é “hoje”, exaltado que está junto a Deus e cheio de seu Espírito. A Igreja, na Eucaristia, encontra-se com seu Senhor, que já está na plenitude, e recebe dele alimento, garantia e semente de vida já escatológica. A comunidade recorda, em cada Eucaristia,

que caminha para a vida e não para a morte, que caminha para o escathon (ALDAZÁBAL, 2002, p.341). E não só o recorda pedagogicamente, mas já entra na esfera sacramental.

Assim, Jesus antecipa também o futuro: sua morte não romperá os laços de comunhão; ao contrário, tornará possível uma comunhão mais profunda e universal pela sua nova presença, a doação de si mesmo, por meio dos gestos eucarísticos. É a atualidade perene do acontecimento da cruz para a comunidade escatológica. Cada Eucaristia torna os presentes participantes dos bens escatológicos do Reino de Deus (ALDAZÁBAL, 2002, p.83).

Reino de Deus, expressão que ocorre cento e vinte e duas vezes nos Evangelhos e noventa vezes na boca de Cristo, significa uma revolução total e estrutural dos fundamentos deste mundo, introduzida por Deus. Em seu sentido pleno, Reino de Deus é a liquidação do pecado com todas as suas consequências no homem, na sociedade e no cosmos, a transfiguração total deste mundo no sentido de Deus (BOFF, 2012, p. 74).

Receber a Eucaristia é entrar em comunhão profunda com Jesus; essa é a forma que Ele encontrou de permanecer na humanidade. “Permanecei em mim e eu permanecerei em vós” (Jo 15,4). Lembra-nos João Paulo II, em sua carta apostólica *Mane Nobiscum Domine*, que “essa relação de íntima e recíproca “permanência” permite-nos antecipar de algum modo o céu na terra” (MND 19). Continua o pontífice, “não é porventura este o maior anseio do homem? Não foi isso mesmo o que Deus se propôs ao realizar na história seu desígnio de salvação? Ele colocou no coração do homem a “fome” de sua Palavra (cf. Am 8,11), uma fome que ficará saciada apenas na plena união com Ele. A comunhão eucarística nos foi dada para “saciarmo-nos” de Deus sobre esta terra, à espera da saciedade plena no céu”.

CONCLUSÃO

“A Eucaristia é o mistério central da fé cristã”. Com essas palavras, o papa Francisco se dirigiu aos fiéis que o acompanhavam na celebração da Missa no Santuário Nacional de Aparecida - SP, por ocasião de sua presença na Jornada Mundial da Juventude, ocorrida no Brasil, em 2013.

Mistério fundamental do encontro entre Deus e o homem, a Eucaristia é profundamente rica de significação. É por isso, que as diversas épocas históricas foram sublinhando os variados aspectos que fazem parte de sua “realidade”. Fazem parte, mas não a esgotam.

No mistério eucarístico, acontece algo mais profundo e insondável, que somente a fé pode perceber. Nele, pelas palavras da instituição e pelo poder do Espírito Santo, é o mesmo evento originário da morte e ressurreição de Cristo que se torna presente “pessoalmente”, isto é, na pessoa que realizou tal evento: Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem. Todo o significado da Eucaristia se fundamenta nessa base e se irradia por meio dela como de seu foco.

É por isso que se pode afirmar que a Eucaristia é o sacramento do Reino já presente, que constitui o projeto do Pai: mundo fraterno, de partilha, diálogo e comunhão, mundo filial no Filho. Depois de Cristo, a Eucaristia “faz sair” rumo a este mundo, para nele trabalhar como servidor.

Vale lembrar que “não somos os donos da Eucaristia, nem os primeiros a celebrá-la, nem os únicos, nem os últimos: temos a tarefa de transmiti-la às gerações seguintes” (ALDAZÁBAL, 2002, p.129).

Há vinte séculos, a comunidade cristã celebra a Eucaristia, seguindo o mandato do Senhor: “fazei isto em memória de mim”, e continuará a fazê-lo “até que ele venha” (cf. 1 Cor 11,26).

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, J. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENTO XVI. **Sacramentum Caritatis**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, L. **A nossa ressurreição na morte**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BROUARD, M. **Eucharistia**. Enciclopédia da Eucaristia. São Paulo: Paulus, 2007.

GIRAUDO, C. **Num só corpo**. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

HAHN, S. **O Banquete do Cordeiro**. A missa segundo um convertido. São Paulo: Loyola, 2008.

JEREMIAS, J. **Isto é o meu corpo**. São Paulo: Paulinas, 1972.

JOÃO PAULO II. **Mane Nobiscum Domine**. Carta Apostólica. São Paulo: Paulinas, 2004.

LÉON-DUFOUR, X. **O Pão da Vida**. Um estudo teológico sobre a Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 2007.

TABORDA, F. Esperando sua vinda gloriosa. Eucaristia, tempo e eternidade. Itaiç. **Revista de Espiritualidade Inaciana**. Indaiatuba, vol. 15, nº 61, 5-18, set. 2005.

TABORDA, F. **O Memorial da Páscoa do Senhor**. Ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.

VV.AA. A eucaristia na Bíblia. **Cadernos Bíblicos** 35. São Paulo: Paulus, 1985.

